

Colóquio Internacional de Estudos sobre Memórias, Sons e Textos

FESTAS E REPRESENTAÇÕES

Entre a subversão e a patrimonialização



19 e 20 de ABRIL

Lisboa, NOVA FCSH | Sala Multiusos 2

O objectivo deste Colóquio Internacional é partilhar o conhecimento produzido em diversos projectos científicos que unem centros de investigação em Portugal e universidades estrangeiras, levados a cabo na última década, que serviram e continuam a servir para formar investigadores e divulgar os resultados das suas investigações.

Constitui, portanto, o final e o começo de diferentes formas de interrogar o caminho seguido por um conjunto de festas e cerimónias, que foram e são alvo de abordagem especializada, entre a história, a sociologia, a antropologia, os estudos artísticos, os estudos culturais e a etnomusicologia.

PROGRAMA

19 de Abril

09.30 - Recepção aos participantes

Painel I - Imaginar o mundo às avessas: festa e rituais de subversão

10.00 - Paula Godinho (IHC e NOVA FCSH), "Festas de Inverno no nordeste de Portugal: aporias e paradoxos".

10.20 - Almerinda Teixeira (Universidade de Évora), "Um redundante *mundo às avessas*".

10.40 - Fernando Camponês (NOVA FCSH), "A Festa de Santo Estêvão em Ousilhão. Entre políticas de identidade e práticas culturais".

11.00 - Diana West (CRIA - NOVA FCSH), "Rituais de Passagem: o caso da festa do Farandulo em Tó".

11.20 - Debate

11.40 - Pausa / Café

12.00 - Conferência de Comba Campoy (Universidade de Santiago de Compostela), "Tirar a pedra e esconder a mão: teatro popular de títeres e resistência simbólica".

12.40 - Debate

13.00 - Almoço

Painel II - A festa na construção da vida social local: música, património e relacionalidade

14.00 - Julieta Silva (INET-md e Universidade de Aveiro), "Os bombos e as *maltas* na Festa de São Brás dos Montes: participação, memória e ritualidade".

14.20 - António Ventura (INET-md e Universidade de Aveiro), "Revitalização e turistificação da encomendação das almas em Penha Garcia".

14:40 - Ana Margarida Cardoso (INET-md e Universidade de Aveiro), "A Nossa Senhora do Castelo abre as portas ao Inverno: diálogos entre tradição e modernidade".

15.00 - Fernando Miguel Beça (Universidade de Aveiro), "Revitalização e transformação de tradições musicais locais: a Festa do Corpo de Deus em Penafiel".

15.20 - Maria do Rosário Pestana (INET-md / Universidade de Aveiro), "A Festa da Vitela: uma cartografia de memórias, património e relações que fazem de Manhouce o lugar, *a nossa terra*".

15.40 - Daniel Tércio (INET-md e FMH - ULisboa), "A Festa de São Gonçálio e a dança dos mancos".

16.00 - Debate

16.20 - Pausa / Café

16.40 - Conferência de Jean-Yves Durand (Universidade do Minho), "A festa é um desporto de combate".

17.20 - Debate

17.40 - Encerramento

20 de Abril

Painel III - Práticas culturais e processos de patrimonialização

10.00 - Dulce Simões (INET-md e NOVA FCSH), “Expressões simbólicas de resignificação da fronteira nas festas patronais de Vila Verde de Ficalho e Rosal de la Frontera”.

10.20 - Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti - CM Setúbal), “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia - Estudo de um tempo liminar”.

10.40 - João Carlos Azenha (Casa do Capitão, Museu de Salto - CM Montalegre), “Mártir São Sebastião vos veja dar! Festas de Janeiro em Barroso”.

11.00 - Sónia Costa (NOVA FCSH), “Viver a aldeia: entre a transmissão e a comemoração das memórias do local”.

11.20 - Debate

11.40 - Pausa / Café

12.00 - Conferência de Jorge de Freitas Branco (ISCTE - IUL), “Práticas culturais em contexto autonómico: a propósito da música tradicional na Madeira”.

12.40 - Debate

13.00 - Almoço

Painel IV: Fiestas y rituales de Extremadura, Portugal, México y Perú

14.00 - Pilar Barrios Manzano (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Fiestas que vienen y van, que nacen y renacen entre países afines”.

14.20 - Juana Gómez Perez (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Tradiciones extremeñas y mexicanas a través de la iconografía de Diego Rivera”.

14.40 - Martín Gómez-Ullate (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Verso improvisado, repentismo y duelos poético-musicales”.

15.00 - Maria Adélia Abrunhosa (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “A Encomendação das Almas em zonas da Raia”.

15.20 - Rosa Macarro Asensio (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Patrimonialización en redes: El lenguaje”.

15.40 - Debate

16.00 - Pausa / Café

16.20 - Performance de Ignacio Vilariño (Fantoques Baj), “A saia da Carolina”.

17.00 - Debate

17.30 - Encerramento

RESUMOS

Paula Godinho (IHC e NOVA FCSH), “Festas de Inverno no nordeste de Portugal: aporias e paradoxos”

O objetivo desta comunicação é responder ao aparente paradoxo entre a diminuição do número de residentes nas aldeias e o crescendo de participação na festa e nas suas derivações, nomeadamente nos cortejos realizados em pontos vários de Portugal e da Europa, através de uma abordagem processual, inserindo as cerimónias do ciclo de Inverno num tempo longo, e atendo-se à relação entre «fora e dentro». O meu argumento central baseia-se nas apropriações da cultura popular em situações diferenciadas e contemporâneas, reenviando para a coexistência e a transição entre dois tipos de conexão com as celebrações. Uma delas remete para um valor de uso, a outra para um valor de troca, corroborando uma transposição de uma sociedade rural articulada com a produção para uma outra associada ao consumo.

Almerinda Teixeira (Universidade de Évora), “Um redundante mundo às avessas”

O Carnaval é um campo exemplar de expressão do "mundo às avessas". Com base num texto produzido em ritual de Carnaval, apresenta-se o que podemos designar como um redundante "mundo às avessas". Trata-se de um testamento carnavalesco que integra uma série de 86 testamentos de "Compadres" e "Comadres" recolhidos em aldeias do oeste da Serra de Montemuro, sendo o mais antigo de 1928 e o mais recente de 2014. Muito resumidamente, o ritual dos testamentos de "Compadres" e "Comadres" tem três sequências. A primeira é a da produção colectiva, pelo grupo dos rapazes, do testamento da Comadre e da respectiva máscara-figura – a Comadre -, o mesmo acontecendo da parte do grupo das raparigas com o texto do testamento do Compadre e da respectiva máscara-figura – o Compadre; a segunda sequência é a da leitura pública do testamento da Comadre pelo porta-voz dos rapazes, acompanhados pela máscara-figura – a Comadre – e logo a seguir a leitura do testamento do Compadre pela porta-voz das raparigas, acompanhada pela máscara-figura – o Compadre. No primeiro, os rapazes falam como se fossem a Comadre, e deixam às "comadres", isto é, a cada uma das raparigas, críticas, piadas, dichotes, os mais diversos objectos, para provocar o riso. O mesmo se passa com o testamento dos Compadres, em que são agora os rapazes que têm as suas deixas. A terceira sequência é a queima das máscaras-figura em ambiente de grande brincadeira, à meia noite. Porquê dizermos, em título, "um redundante mundo às avessas"? Em primeiro lugar, pelo que foi dito, há logo de início um travestismo da palavra e da máscara-figura. Este aspecto é o primeiro nível de redundância carnavalesca do mundo às avessas. O testamento carnavalesco é uma paródia do testamento. Ora, um testamento é coisa séria, enquanto instituição, por ele são deixados bens como herança e é feito na perspectiva da morte. Este é, assim, o segundo nível de redundância. A morte implica o ritual, também sério, do funeral. Mas aqui, parodia-se também o funeral. Neste texto de um testamento carnavalesco, o enunciar dos vários traços do funeral, na sua ambivalência carnavalesca, remete para a sexualidade e para o riso, que é a lei do Carnaval. Isto consoma o terceiro nível de redundância. No mesmo "acto", neste ritual dos testamentos carnavalescos, temos três inversões ou desrespeitos do que se considera normal. São, pois, estes três aspectos que justificam o falar-se de um redundante mundo às avessas.

Fernando Camponês (NOVA FCSH), “A Festa de Santo Estêvão em Ousilhão: entre políticas de identidade e práticas culturais”

As Festas de Inverno do Nordeste Transmontano constituem atualmente, um contexto privilegiado para a análise e compreensão das mutações que ocorreram nas últimas três décadas no espaço rural. Os processos de patrimonialização, turistificação e mercantilização cultural, são o resultado dessas transformações, tendo como protagonistas diversos atores sociais. Os poderes locais, que detêm os meios necessários para a elaboração e veiculação de um reportório discursivo, têm vindo a revitalizar estas festas, enquanto recursos para a emblematização identitária regional ancorada na esteticização do passado e na performatização de segmentos rituais. A realização de eventos culturais regionais (Mascararte), de festivais internacionais (FIMI), ou a criação de redes de cooperação transfronteiriça, conferem visibilidade e projeção supralocal, quer às regiões, quer às próprias comunidades, o que acontece com o caso dos máscaros de Ousilhão. A festa do Santo Estêvão em Ousilhão, que tem sido alvo de diversas objectificações culturais (Handler, 1988), constitui, portanto, um locus de grande relevância para a análise dos múltiplos agentes e dinâmicas culturais, que convergem nas diversas estratégias patrimoniais. Por

um lado, esta festa permite-nos a compreensão das políticas de identidade, através das quais a cultura local se articula em vários planos (local, regional, nacional e global), segundo uma metalinguagem patrimonial devidamente regulada e politizada por diferentes instituições. Por outro lado, sobrepõem-se a estas, nos dias 25 e 26 de dezembro, as práticas culturais que visam a celebração da “festa da família”, enquanto elemento mobilizador da coesão social. Onde se congrega a comunidade e regressam os habitantes que saíram da aldeia, se reforçam os laços de solidariedade comunitária e os mecanismos de construção identitária intergrupar. Existem, portanto, uma multiplicidade de atores que participam na construção das narrativas patrimoniais das Festas de Inverno, fazendo emergir o que Herzfeld (1991), apelidou de tempo social, correspondente ao quotidiano das comunidades locais, ou práticas culturais, e o tempo monumental, que pragmatiza a visão burocrática, tecnicista e monumentalista das políticas de identidade.

Diana West (CRIA - NOVA FCSH), “Rituais de Passagem: o caso da festa do Farandulo em Tó”

A Festa de Tó no conselho de Mogadouro é um ritual que marca a passagem dos rapazes à idade adulta através de um ciclo de quatro anos. Tal como muitas festas do nordeste transmontano, também a Festa de Tó se redesenhou ao longo do tempo e em articulação com o seu contexto. No entanto, contrariando uma tendência de revitalização de vários rituais do sul da Europa através da sua patrimonialização para consumo externo, a Festa de Tó, que nunca foi descontinuada, manteve uma dimensão comunitária de vivência interna e um dinamismo notável. Com base na pesquisa de terreno realizada em 2009 analisou-se o investimento simbólico e financeiro das famílias sobre o ritual. O facto de durante aquele período terem a sua representação social suspensa no desempenho dos filhos figurou como um dos motivos para a sua vitalidade. Além de uma breve descrição do ritual pretende-se com esta apresentação refletir sobre a singularidade deste caso no contexto da discussão “entre a subversão e a patrimonialização”.

Comba Campoy (Universidade de Santiago de Compostela), “Tirar a pedra e esconder a mão: teatro popular de títeres e resistência simbólica”

As feiras e as festas que, não de jeito esporádico, as acompanhavam, constituíram uma forma fundamental de socialização –e por tanto, de comunicação- dos grupos subalternos nas sociedades agrárias europeias. Na Galiza e no norte de Portugal mantiveram a sua vigência como espaços de encontro e intercâmbio até bem entrada a década de 1960. Em elas floresciam determinadas expressões culturais criadas por artistas populares em simbiose com o seu público, com o que partilhavam penalidades e condições de existência. O teatro de marionetes de luva constituiu uma particular forma de expressão teatral genuinamente popular. Através dos bonecos de luva encenavam-se situações de opressão nas que o herói humilde subvertia a ordem habitual e humilhava os representantes da autoridade. A tradição europeia de títeres, na que o elemento indispensável é a moca com que se espanta os focos habituais da dominação, teve na Galiza o seu derradeiro representante em Barriga Verde, herdeiro por sua volta do personagem português, Dom Roberto. A análise dos repertórios destas duas tradições permite concluir o seu papel tal que dispositivos de resistência simbólica e meios de comunicação das subalternas. Após o seu declínio por volta da década de 1970, estes espetáculos tradicionais foram alvo de distintos processos de recuperação por parte de coletivos cidadãos e artísticos, que evitaram a sua desapareção. Alguns desses processos têm conduzido, na atualidade, a experiências de patrimonialização embalsamadora, centradas nos elementos materiais que se puderam conservar, desposuindo o espetáculo do seu potencial subversivo. Outras, porém, aspiram a reconstruir o vínculo das comunidades com os personagens de títeres, recuperando a sua presença nos espaços de socialização nos que foram presença obrigada. Inclusive, algumas iniciativas visam a reativar os mecanismos de resistência simbólica próprios do teatro popular de marionetes para adaptá-los ao contexto presente. Assim, a infrapolítica recuperaria a sua vigência em um contexto sócio-histórico para o qual não foi inicialmente formulada. Durante a conferência serão descritas as táticas infrapolíticas pelas quais o teatro de títeres de Barriga Verde contribuiu a transladar o discurso oculto das subalternas através dum dispositivo efémero, o pavilhão de feira no que era representado. A seguir, será apresentado o debate sobre as formas de ativação patrimonial mais legítimas para esta forma de cultura popular. Aliás, será questionada a vigência atual das táticas de resistência simbólica empregadas pelos grupos subalternos até a primeira metade do século XX.

Julietta Silva (INET-md e Universidade de Aveiro), “Os bombos e as maltas na Festa de São Brás dos Montes: participação, memória e ritualidade”

A Festa de São Brás dos Montes realiza-se todos os anos no mês de Fevereiro, no lugar dos Montes, no distrito da Guarda. Neste evento diversas maltas – grupos organizados de tocadores de bombos, caixas, flautas e acordeões – oriundas de aldeias à volta da serra, entregam-se a um ritual marcado tanto pela tradição como pela reinvenção, no qual uma das principais características é a dimensão participativa dos grupos sociais que o integram. O trabalho de campo que realizei há mais de uma década tem-me permitido observar a forma como a música integra os processos de mudança e adapta-se aos tempos modernos globalizados, sendo este processo de adaptação essencial à sua própria sobrevivência.

António Ventura (INET-md e Universidade de Aveiro), “Revitalização e turistificação da encomendação das almas em Penha Garcia”

Este contributo é resultado de uma investigação a decorrer sobre a Encomendação das Almas no concelho de Idanha-a-Nova, uma prática performativa anual que ocorre durante a Quaresma, à meia-noite, nas ruas de várias aldeias do concelho. É proposto compreender as dinâmicas deste evento público, nomeadamente pela participação das populações, performers, públicos e agentes políticos, bem como explorar a sua ambivalência, tanto na expressão de sentimentos religiosos como na conquista de interesse no âmbito dos programas de turismo cultural local, relacionando-a com a recente candidatura a lista das melhores práticas da Unesco. A comunicação sustenta-se em pesquisa arquivística e bibliográfica e em trabalho de campo bem como a observação de eventos.

Ana Margarida Cardoso (INET-md e Universidade de Aveiro), “A Nossa Senhora do Castelo abre as portas ao Inverno: diálogos entre tradição e modernidade”

Esta comunicação surge no âmbito de uma investigação em curso no âmbito do projeto “A Nossa Música, o Nosso Mundo: bandas filarmónicas, associações musicais e comunidades locais (1880-2018)” (PTDC/CDC-MMU/5720/2014) e analisa a participação das associações musicais do concelho de Mangualde na Festa de Nossa Senhora do Castelo, designadamente a Sociedade Filarmónica Lobelhense e a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Mangualde. O objetivo desta comunicação é precisamente estudar o modo como estas coletividades contribuem para a constituição do espaço sonoro público, nomeadamente através da formação de um sentimento coletivo que é recordado e associado àquela experiência (Reily & Brucher 2013). Esta centenária romaria constitui um ponto de encontro entre os seus familiares, assim como entre os vários participantes, reforçando desta forma a relacionalidade e coesão social presente na festa (Turino 2008, Small 2009). Atualmente esta festa começa a incluir elementos que não têm qualquer ligação com a devoção a Nossa Senhora, como por exemplo, os conjuntos musicais que animam as noites ou o concerto dado por uma orquestra sinfónica, neste sentido, surge a necessidade de assegurar que as práticas relacionadas com a devoção se mantêm e continuam a ser o foco da organização desta festa. A participação da banda e da fanfarra são alguns dos mecanismos que marcam a experiência religiosa na memória dos seus participantes, de forma a que estes continuem a participar na mesma e a tradição se mantenha. (Luchmann & Berger 1966, Blacking 1977, Bohlman, Blumhofer, Chow (eds.) 2005). É essa manutenção de tradição que esta comunicação irá discutir, através da exibição de um documentário composto por recolhas etnográficas da edição de 2017 da festa, documentação de arquivo relativa às edições anteriores e entrevistas feitas à organização da festa, músicos, maestro e também alguns populares.

Fernando Miguel Beça (Universidade de Aveiro), “Revitalização e transformação de tradições musicais locais: a Festa do Corpo de Deus em Penafiel”

Este estudo etnomusicológico centra-se nas dinâmicas das práticas e acontecimentos musicais inseridos na Festa de Corpus Christi em Penafiel, evento realizado anualmente 60 dias depois da Páscoa, desde o último quartel do século XIX até ao ano de 2017. Apesar de a Festa já ter sido objecto de estudo parte de autores como Abílio Miranda (1940), Bárbara Alge (2006) e José Alberto Sardinha (2012), estas abordagens focaram-se em intervenientes específicos como os Bailes Tradicionais, relegando outros elementos musicais (Bandas de música e gaiteiros) que se inseriram e inserem na Celebração do Corpo de Deus em Penafiel de modo constante. O meu contributo tem como objetivo enquadrar os diferentes planos musicais da Festa bem como as transformações de que foram alvo ao longo

de três séculos. Este estudo sustenta-se em trabalho de campo no concelho de Penafiel junto dos mestres dos seis Bailes Tradicionais e do Maestro da Banda Musical de Paço de Sousa bem como na pesquisa de notícias sobre a Festa de Corpus Christi em periódicos locais, datados entre 1876 e 2017, no intuito perceber o modo em que os intervenientes musicais se revezaram e apresentaram na celebração e quais foram os principais agentes/motivos para a transformação dos programas da Festa.

Maria do Rosário Pestana (INET-md e Universidade de Aveiro), “A Festa da Vitela: uma cartografia de memórias, património e relações que fazem de Manhouce o lugar, a nossa terra”

A Festa da Vitela de Lafões é um evento de promoção turística, organizado no mês de Maio em Manhouce pelo município de São Pedro do Sul em colaboração com os grupos de cantares e danças folclóricas locais. Nos dias da festa, esta localidade de montanha que em 1938 participou no concurso A aldeia mais portuguesa de Portugal, recebe centenas de turistas e figuras públicas para assistirem a performances do quotidiano rural de há décadas atrás. Nesses dias, os elementos dos grupos e muitos dos habitantes locais trajam a rigor e distribuem-se pelo espaço público a lavar no rio, lavrar a terra, cantar ao desafio ou em polifonias rurais, malhar o milho, fiar a lã, etc. Se durante grande parte dos dias do ano os manhoucenses estão dispersos por diferentes geografias e papéis, nesta e noutras festas locais intensificam as relações entre si e, corpo-a-corpo, agem coletivamente e fazem de Manhouce a sua terra. Este estudo centra-se no espaço público relacional em tempo de festa e analisa (i) os usos de competências musicais herdadas; (ii) as memórias e o palimpsesto de um longo processo de objetificação cultural (iii) a narrativa da terra, face ao nomadismo, exilância e condição de incerteza do tempo contemporâneo; (iv) o impacto do turismo cultural na vida social local.

Daniel Tércio (INET-md e FMH - ULisboa), “A Festa de São Gonçalinho e a dança dos mancos”

A festa em homenagem a São Gonçalinho, celebrada no bairro da Beira Mar, na cidade de Aveiro, pode ser vista como um exemplo de uma celebração de inverno integrada no calendário religioso. A festa de São Gonçalinho acontece durante cinco dias de festa, e inclui rituais de socialização em torno da capela e das imediações, oferendas, fogos de artifício, bailes e concertos, e procissões pelas ruas estreitas, além de outras manifestações mais bizarras como a chamada dança dos mancos. Durante esses dias há uma exibição de abundância - que pode ser notada nos alimentos que enchem as mesas ricas nas casas das famílias que habitam o bairro e também na felicidade contagiante que às vezes leva a comportamentos de provocação e transgressão. Os crentes podem pedir ao Santo boa sorte em casos de amor, ou a resolução de discussões e separações amorosas, ou até mesmo a cura de doenças ósseas e outras incapacidades físicas. A maneira de pagar as promessas vai desde a oferta de velas e ex-votos (como réplicas de pernas, pés e braços feitos de cera), até a doação de cavacas, que são um tipo de pães duros cobertos de creme de açúcar. As cavacas são lançadas pelos devotos da varanda do templo sobre a massa de espetadores que se reúne no largo. A dança dos mancos é um dos momentos principais da festa exclusivo à comunidade de vizinhos. Esta dança em particular é realizada dentro da capela por alguns dos mordomos de São Gonçalinho, suscitando o riso entre os presentes e aumentando o sentido de identidade comunitária.

Jean-Yves Durand (Universidade do Minho), "A festa é um desporto de combate"

As festas, em todas as suas formas, são hoje com frequência objetos de diversas modalidades de instrumentalização. Envolvendo um amplo leque de instituições (desde associações locais ou autarquias até organismos supranacionais), esta situação acompanha-se do reforço do discurso consensual sobre a festa enquanto elemento “identitário” e emblemático de “comunidades”. Observar as dinâmicas recentes de algumas festas do Minho obriga a questionar esta interpretação irénica. A elaboração das regras e o funcionamento real do almejado reconhecimento institucional escapam em boa parte aos actores locais, cuja visão de supostas expectativas institucionais se podem traduzir numa certa “civilização dos costumes” aplicada ao que passou a ser promovido como “eventos” para os quais se espera visibilidade mediática. Quando a desordem é inventariada, a irreverência expectável, a subversão instituída (e os eventuais retornos económicos potencialmente consideráveis), as tensões sociais que outrora se manifestavam em certos “números” festivos não desaparecem. A violência verbal ou física que podia acompanhar as festas, num grau variável de encenação programada ou de fortuitude, tem contudo tendência a deslocar-se, num registo mais simbólico, para os bastidores das manifestações e a sua esfera alargada de relações sociais. Visando o controlo do poder interventivo de instituições intermédias, entre as quais o universo académico, esta tendência pode colocar no

centro do ringue os investigadores convocados para disponibilizarem a sua autoridade. Eles devem reconhecer que as festas, como outras aparentes bagatelas que são na realidade investidas de uma profunda importância vivencial, são mais do que nunca um desporto de combate -- e que a sua disciplina, muito além de uma inócua engenharia sociocultural mol, também deve ser um.

Dulce Simões (INET-md e NOVA FCSH), “Expressões simbólicas de resignificação da fronteira nas festas patronais de Vila Verde de Ficalho e Rosal de la Frontera”

As festas religiosas/populares são intrinsecamente polissémicas e compreendem uma pluralidade de significados nem sempre apreendidos da mesma forma por todos os participantes. Nas sequências rituais das festas patronais das vilas raianas de Ficalho e Rosal de la Frontera encontramos expressões simbólicas de resignificação da fronteira luso-espanhola associadas à construção de “lugares antropológicos” (Augé, 1992), com significados identitários, relacionais e históricos. A resignificação dos lugares só pode ser entendida no contexto festivo, com o objetivo de reforçar os laços nas comunidades locais e simultaneamente configurar uma comunidade de partilha que trespassa a fronteira luso-espanhola. Nesta comunicação pensamos os lugares na articulação das dimensões simbólicas que lhes são atribuídos, no sentido em que deixam de estar relacionados com a vida ordinária e quotidiana das populações, para se tornarem atributo de entidades religiosas, insígnias de identidades e significantes de relacionamentos e compromissos interpessoais específicos. Os lugares são construídos por diferentes grupos de pessoas que os tornam significativos por meio de processos de resignificação simbólica, numa variabilidade de escalas geográficas que destacam o local e o transfronteiriço. Nestes lugares convergem práticas cerimoniais, religiosas e lúdicas que reforçam as identificações locais na partilha do que é comum às comunidades, como a cerimónia do encontro dos santos na fronteira, o desfile pelas ruas das vilas, os atos devocionais, a saída ao campo, a liturgia, a procissão, a comensalidade, o canto e a dança. Os sentidos dos lugares obedecem a sequências rituais comuns, mediadas pelos santos, que trespassam o lugar da fronteira e atribuem sentido e significado às relações de vizinhança.

Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti - CM Setúbal), “A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia - Estudo de um tempo liminar”

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia é uma celebração religiosa anual que ocorre no mês de Agosto, sem data certa no calendário pois depende inteiramente dos humores das marés do rio Sado. A sua organização e realização é da responsabilidade da Paróquia de São Sebastião e dos pescadores de Setúbal, que desde sempre encararam o território da margem esquerda do rio como seu. A caldeira de Tróia é o lugar da Capela de Nossa Senhora de Tróia, para onde segue a romagem dos pescadores e famílias setubalenses e no qual se realiza um gigantesco acampamento de três oficiais. Desde a sua primeira aparição em documentos de natureza histórica já volveram mais de trezentos anos, no entanto, é o presente que conhece maior fulgor mediático e participação familiar. As componentes religiosas da festividade e o seu incremento, bem como a aposta dos média e de um museu municipal nas respectivas divulgação e legitimação da componente patrimonial, contrastam com um passado de características mais apagadas e cujo ímpeto primordial se revestiria de contornos mais próximos do seu lado pagão. Este recente crescimento parece remar contra um futuro que ameaça descaracterizá-la, estando na sua origem duas razões objectivas; a escassez de pescadores e o crescimento de um empreendimento turístico no seu território. O estudo do seu presente liminar adivinha um futuro incerto onde a mudança acelerada se assume como certa.

João Carlos Azenha (Casa do Capitão, Museu de Salto - CM Montalegre), “Mártir São Sebastião vos veja dar! Festas de Janeiro em Barroso”

No planalto sul da serra de Barroso, onde Trás-os-Montes liga ao Minho, confluem modos de produção e também cultos associados aos ciclos agrários e pastoris. As Festas de São Sebastião neste território são intercaladas por factores diversos que conduzem a alterações cíclicas em certos aspectos do cerimonial, que assim é ‘constantemente recriado’. As mudanças ocorrem, têm origem em dissidências, em conflitos derivados das desigualdades presentes em todas as sociedades. A dinâmica de mudança é geradora de informação significativa, dado que os momentos de estabilidade são ténues e fugazes. Apesar da cultura local estar em permanente processo de reconfiguração, essa alteração é por vezes forçada, por exemplo na projecção da festa enquanto emblema identitário, colocando em risco a sua continuidade pelo tratamento que lhe é dado como atracção turística. Os visitantes chegam por vezes em busca de uma ruralidade idealizada, mas a dádiva alimentar pode ou não ser fruto da agricultura local. O alimento

icónico, símbolo do lugar e da comunidade, pode mudar ao longo do tempo, derivando da interacção entre tradições e inovações. Evocaremos a celebração ao Mártir em Salto (Montalegre), em Samão (Cabeceiras de Basto) e em Couto de Dornelas (Boticas), revisitando outros territórios com festas da mesma invocação.

Sónia Costa (NOVA FCSH), “Viver a aldeia: entre a transmissão e a comemoração das memórias do local”

O Bons Sons é um festival de Verão que surge em Cem Soldos (Tomar) em 2006, iniciado pelos seus próprios habitantes. Mobiliza grande parte da aldeia para a sua construção e acontecimento, a título de voluntariado, envolvendo diferentes gerações de moradores. Passa-se circunscrito à malha aldeã, reservando o recinto a habitantes, às suas famílias, e portadores de bilhete, prometendo assim acesso aos locais de uso quotidiano, e uma proximidade directa aos modos de vida ali festejados: tempos mais lentos, de mais proximidade e companheirismo. A ideia de campo na sua visão mais pura, oposta à de cidade. Paradoxalmente, para o habitante da aldeia, este festival simboliza uma ideia de progresso, de emancipação e crescimento. Representa uma consequência e um expoente máximo de um movimento associativo que se desenrola há vários anos e que sempre lutou para criar espaço de “contemporaneidade” na aldeia, e para assim contribuir para fixar a sua população.

Conferência de Jorge de Freitas Branco (ISCTE-IUL), “Práticas culturais em contexto autonómico: a propósito da música tradicional na Madeira”

A música tradicional constitui um dos aspetos mais abordados pelos estudos de cultura popular. No contexto madeirense isolam-se três vertentes: a música popular abrangendo uma produção comercial profissionalizada e fortemente influenciada pela diáspora insular, a folclórica institucionalizada num movimento associativo integrando agrupamentos amadores, por fim a tradicional, também composta por agrupamentos não profissionais, surgida na sequência do 25 de Abril e consolidada posteriormente como uma expressão cultural da autonomia regional. Designa-se por pós-folclorismo as experiências de fusão de estilos e posturas entretanto desencadeadas entre estas inicialmente diferentes vertentes de abordagem, identificação ou exaltação das classes subalternas.

Pilar Barrios Manzano (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Fiestas que vienen y van, que nacen y renacen entre países afines”

Las investigaciones desarrolladas desde hace ya cuatro décadas sobre el estudio del patrimonio musical y cultural en la Comunidad de Extremadura-España nos llevan a tener ya una conciencia clara de lo que es el patrimonio local tangible e intangible de esta comunidad española. Al ampliar estos estudios a zonas rayanas luso-españolas, y a comunidades latinoamericanas, tanto a nivel particular y posteriormente en equipos de investigadores iberoamericanos, nos han ido ampliando la visión para entender que son imprescindibles los estudios comparativos entre comunidades encontradas por cuestiones geográficas y/o histórico-culturales. En el estudio de las distintas comunidades entendemos que muchas que las muestras del patrimonio que compartimos nos las explican la conservación y desarrollo de muestras culturales y musicales que vienen y van de unos países a otros en distintas épocas, que se debilitan y renacen. En numerosas ocasiones se manifiestan en otras comunidades, más o menos lejanas, mostrándonos con fuerza aspectos culturales casi desaparecidos en la zona de origen. Sirvan aquí algunos ejemplos, como La Pastorela y otras reminiscencias del teatro medieval, casi desaparecidas en Extremadura y en el resto de España, que se nos muestra en México en pleno esplendor. Instrumentos como el arpa, la chirimía o el laúd de mástil doblado, se conservan igualmente en México, Perú y otros países latinoamericanos, por la superposición y el enriquecimiento organológico, a diferencia de la desaparición de instrumentos en España en favor de la aparición de otros. Estos instrumentos están siendo reproducidos en la actualidad con el renacimiento de la interpretación y recreación de música antigua y en los países de la otra orilla se han ido conservando por la superposición de lo antiguo y lo nuevo. Costumbres judías cristianizadas, como Las Candelas,...Estas son algunas de las manifestaciones que a través de la documentación, la iconografía, la música, se exponen en esta aportación.

Juana Gómez Perez (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Tradiciones extremeñas y mexicanas a través de la iconografía de Diego Rivera”

El presente estudio se enmarca dentro de una de las líneas de investigación del grupo MUSAEXI de la Universidad de Extremadura, dirigida a investigar el patrimonio cultural compartido iberoamericano. Al estudiar la obra de Diego Rivera, en concreto las referidas a las tradiciones navideñas observamos con claridad este patrimonio común. En estas dos representaciones aparece reflejado el sentimiento alegre del pueblo Mexicano dentro de su diversidad cultural. Son obras realizadas en la madurez del pintor y en las que, a nivel formal, da buena muestra de su maestría en el manejo del espacio, el color y la composición. En cuanto al contenido, lo expone con un lenguaje expositivo y didáctico dirigido al pueblo que representa. Con una mezcla de alegoría y folklore, queda patente su gusto por lo mexicano y su afán por integrar al indio en la sociedad a través de su pintura. Con la recurrente utilización de símbolos como la luna, el espejo de agua o la lluvia, Rivera nos muestra, de una manera sutil, las aportaciones que ha hecho el pueblo indígena a la cultura mexicana, en concreto, su respeto a la naturaleza.

Martín Gómez-Ullate (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Verso improvisado, repentismo y duelos poético-musicales”

Esta presentación nos introduce en el fenómeno universal del verso improvisado y los duelos poético-musicales y sus maravillosas materializaciones culturales en Iberoamérica. Nos centraremos en algunos ejemplos especialmente relevantes para entender y apreciar este patrimonio musical con desigual riesgo de extinción y transformación. En Portugal, el fenómeno pervive en las desgarradas, mientras que en España, sólo en algunas áreas periféricas sobrevive en muy distintas versiones. Haremos especial énfasis en el Cant d'estil Valencia, fenómeno que hemos tenido la suerte de estudiar de la mano de Carles Pitarch, uno de los mayores especialistas en la materia. Los profundos cambios socioculturales de las últimas décadas, muestran en el hip hop una continuidad, si bien, las "peleas de gallos" siguen normas muy diferentes a las manifestaciones tradicionales.

Maria Adélia Abrunhosa (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “A Encomendação das Almas em zonas da Raia”

Cada cultura tem os seus próprios métodos de lidar com a morte. De um modo geral, a sociedade vê a morte como um momento de passagem para uma outra vida, uma outra dimensão. É uma ausência e não uma inexistência. O ritual da “Encomendação das Almas” é uma forma de religiosidade popular de Portugal associada ao culto dos mortos que ainda hoje se realiza nas povoações perto da raia do Distrito de Castelo Branco. Um pequeno grupo de habitantes, geralmente nas sextas feiras da Quaresma e Semana Santa, percorre as ruas da povoação, de noite, para rezar e cantar às almas do Purgatório em determinados locais. O ritual coincide com o tempo da Primavera e da germinação das sementeiras. Chamam-se as almas dos antepassados, a cantar, para que, em troca das orações ajudem os vivos, proporcionando boas colheitas neste momento do ano que é o da germinação. Os encomendadores ao entoarem o cântico da Encomendação das Almas pedem aos habitantes, que estão recolhidos nas suas casas, que recordem os antepassados de quem herdaram as terras e rezem pelas suas almas. Esta manifestação de piedade popular é um testemunho vivo de crenças e costumes de um povo e ajuda a compreender um modo de marcar a transição duma vida para outra.

Rosa Macarro Asensio (Grupo MUSAEXI e Universidad de Extremadura), “Patrimonialización en redes: El lenguaje”

En el aprendizaje de una lengua, gran parte del proceso de adquisición es inconsciente, y esto se puede observar no solo al estudiar una lengua extranjera, sino incluso aún más cuando analizamos el uso que hacemos de nuestra propia lengua, y en particular los rasgos dialectales característicos de nuestra forma de hablar personal. No es fácil, en ocasiones, poder distinguir qué vocablos o giros son idiosincráticos, propios de una identidad cultural propia, o pertenecientes al uso general y estándar del idioma. En este sentido, las nuevas tecnologías nos pueden ayudar a indagar y descubrir características de nuestros usos lingüísticos personales, que en ocasiones nos relacionarán con nuestro entorno más cercano, y otras veces nos harán ver que necesitamos atravesar un océano para encontrar otros lugares donde hay personas que se expresan igual que nosotros.

Organização:

Instituto de Ethnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md – NOVA FCSH)
Instituto de História Contemporânea (IHC – NOVA FCSH)

Comissão organizadora:

Paula Godinho (IHC – NOVA FCSH)
Dulce Simões (INET-md – NOVA FCSH)
Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH)

Parcerias:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa
Universidad de Extremadura
Universidade de Santiago de Compostela
Universidade de Aveiro
Universidade do Minho
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa
Universidade de Évora
Museu do Trabalho Michel Giacometti, Câmara Municipal de Setúbal
Museu de Salto, Câmara Municipal de Montalegre
Fantoches Baj
Compete 2020
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia